

mos sempre a realidade andar à velocidade da imaginação' (p.83). Finalmente, pergunta 'é importante para uma criança poder mentir?', respondendo que, para além de importante, é fundamental, preocupando-lhe apenas as crianças que mentem muito e as que não podem mentir, porque não poder mentir é não ser capaz de confiar e, ao contrário, mentir é ser capaz de guardar um segredo.

'Eternos para Sempre: As Crianças e a Morte discute a persuasão de que 'somos eternos, porque perduramos dentro de quem nos dá o seu espaço interior e que morrer é desistir de pensar', acrescentando que 'emocionalmente, não se nasce nem nunca se morre sozinho, mas sim para alguém' (p.87). Seguidamente, em 'Branca de Neve e a Bela Adormecida', o autor fala do amor, referindo que 'beleza, amor e verdade equivalem-se [...], pelo que amar não adormece, antes desperta, e não há forma de se ser amado e permanecer adormecido' (p.93). Finalmente, em 'A Dor', Eduardo Sá fala do seu trabalho, salientando que este se faz com 'pessoas que me procuram em função [...] da dor dos seus desencontros interiores e, comigo, se tentam encontrar perante [...] a dor da consciência de si próprias' (p.95). O autor aborda várias perspectivas da dor, como, por exemplo, a criança que brinca com a sua própria dor, a dor do crescimento, a dor do parto para os bebés, a dor da separação: 'A vulnerabilidade à dor terá muito de interior e pessoal, e estará em ligação com o vivido relacional' (p.98).

O autor termina este livro, provocativamente, poético, lustral e, para muitos, sem dúvida, um livro 'alternativo', com um apêndice sobre 'O Pensamento e a Ética na Relação Pedagógica', a que se seguem as referências bibliográficas.

**Susana Ramos**

Faculdade de Ciências do Desporto da  
Universidade de Coimbra / Instituto  
Superior Miguel Torga

**Arthur T. Costigan, Margaret Smith Crocco, Karen Kepler Zumwalt. 2004. *Learning to Teach in the Age of Accountability*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates. 288 pp. ISBN: 0805847081.**

Este é um livro diferente. É um livro diferente, pelas temáticas abordadas, os métodos de investigação utilizados e as conclusões que produz. Incluído, desde o seu lançamento, na bibliografia obrigatória de vários cursos de formação de professores nos Estados Unidos e escrito por profissionais e académicos com larga experiência nessa área, este estudo tem uma relevância que não se reduz, porém, ao ambiente americano.

A questão organizante do livro é a noção de profissionalidade docente, no contexto das escolas urbanas nova-iorquinas e numa época de crescente 'accountability', recorrendo a entrevistas extensivas com jovens professores dos diferentes níveis de ensino. O objectivo é analisar, no terreno, os processos de crescimento da identidade profissional do professor, em escolas, frequentemente, com 'salas de aula sobrelotadas e com poucos recursos, alunos imigrantes que falam pouco inglês, desafios agudos, em termos de literacia, administradores e professores em situação de burn-out, operações caóticas e, em alguns casos, violência' (p. ix, do Prefácio). A este cenário, há que adicionar uma política educativa baseada na testagem dos conhecimentos dos alunos, busca de resultados elevados (*high-stakes*) e na responsabilização do docente pelos resultados dos seus alunos (*accountability*). O livro não é, porém, maniqueísta, não divide as coisas em boas e más. As análises e entrevistas ressaltam situações de resiliência – na presença de um número conjunto de factores associados com o insucesso, os professores conseguiram impor a sua competência e obter bons resultados – e, de igual modo, apresenta também situações de absurdo e turbulento insucesso.

O livro é dividido em cinco partes. A primeira e a última partes são dedicadas a apresentar um conjunto de ideias centrais acerca da investigação sobre o ensino, sendo o último capítulo da autoria da professora Karen Kepler Zumwalt, ex-directora do Teachers College da City University de Nova Iorque. Desta forma, no final do livro, aquela autora procede a uma releitura de alguns dos aspectos apresentados no capítulo inicial, agora

com o recurso aos novos dados apresentados ao longo do livro.

As três partes intermédias abordam aspectos relacionados com a construção da profissionalidade docente. Os temas incluem a análise da decisão de alguém se tornar professor – o que, em Portugal, muitas vezes, nem sequer se coloca como opção, mas como solução de recurso – e a implicação dos sistemas familiares e sociais nessa decisão. O género, a etnia e a classe social foram considerados elementos chave nesta escolha ou na decisão de se tornar professor. Outra questão analítica diz respeito às características das escolas e dos contextos onde estão inseridas. Trata-se de uma perspectiva quase ecológica, que progride dos microsistemas para os macrossistemas, da família, para o contexto social. A forma como os professores entrevistados narram a sua vida nestas situações é fecundamente ilustrativa das dificuldades que muitos encontram na gestão de expectativas, definição de estratégias ou até mesmo na sua maneira de estar.

Finalmente, o quarto capítulo desenvolve aspectos que ajudam a compreender a evolução do sistema educacional norte-americano, através da análise de questões históricas e das diversas correntes teóricas e políticas.

O argumento crítico dos autores pode ser sumariado desta forma: é complicado ser professor, é complicado tornar-se professor, numa escola que privilegia a rentabilidade, mas que, simultaneamente, não consegue proporcionar aos professores as condições necessárias para levar a cabo essa tarefa. É complicado, mas é possível. E o capítulo de Karen Kepler Zumwalt, o capítulo 12, designado, exactamente, 'Choosing to Make a Difference' é o melhor exemplo deste argumento. Utilizando uma perspectiva auto-biográfica, ela analisa o seu próprio percurso profissional, bem como os dados obtidos pelos colegas nas suas entrevistas, deixando sempre a ideia que, ao longo dos últimos trinta anos, têm surgido continuados desafios aos professores, mas que podem ser superados com persistência, capacidade de reflexão e criatividade.

A primeira razão que me levou a seleccionar este livro para fazer esta resenha é a temática específica – a construção da profissionalidade docente. Para quem, como eu, investiga questões relativas à identidade profissional no serviço social, é sempre interessante verificar como, noutras profissões,

esses aspectos estão a ser estudados. Da leitura deste livro, muitos elementos se poderão retirar, comparativamente, no que respeita à construção da identidade profissional do técnico de serviço social, bem como do psicólogo, psicoterapeuta, enfermeiro ou de qualquer outra profissão. Os níveis de análise são normalmente comuns, da família à comunidade, do estatuto presente à sua história, influências fundamentais na selecção de um profissão e no caminho posterior da construção da identidade profissional.

Outro aspecto importante é o método utilizado pelos autores na recolha de dados. Recorrendo a entrevistas em profundidade, fornecem uma ilustração clara dos diferentes percursos de crescimento identitário e dos factores que os influenciam ao longo do tempo. Na minha leitura, esta opção permitiu uma análise mais aprofundada do que poderia ser possível através de outras metodologias de pendor mais quantitativo e mais correntes na investigação educacional, perdendo-se a noção de pessoa, aqui tão presente e tão fundamental para a coesão do livro e das suas ideias.

Finalmente, é importante enfatizar a oportunidade da leitura deste livro. Não existe em Portugal tradução imediata para a palavra 'accountability'. Segundo o dicionário *Webster*, a palavra na língua portuguesa mais aproximada é 'responsabilidade'. No entanto, o próprio dicionário aponta como definição para a palavra original os aspectos da responsabilidade que implicam dar uma justificação estatística ou legal para os eventos verificados. Esta noção é particularmente importante numa altura em que a avaliação dos alunos recorre, cada vez mais, a exames nacionais, portanto, que escapam ao controlo imediato dos seus próprios professores. E, por outro lado, numa época em que é, crescentemente, discutida a prática da avaliação dos professores, das escolas e dos próprios agrupamentos de escolas. As análises presentes neste livro colocam estes elementos numa perspectiva inovadora e constituem, no mínimo, alimento para uma reflexão ainda por fazer no nosso país. Não vale a pena negar, e os autores referem-no, a importância da avaliação e da responsabilização, que é necessária e constitui, provavelmente, o *zeitgeist* da nossa cultura, na educação e em qualquer outra área, associada a questões como rentabilidade ou produtividade. Um livro com estas características não

pode deixar, por isso, de constituir uma leitura importante, pela fecundidade da reflexão que apresenta e proporciona.

**Clara Santos**

*Instituto Superior Miguel Torga*

**Paula M. Barrett e Thomas H. Ollendick (eds.). 2004. *Handbook of Interventions That Work With Children and Adolescents: Prevention and Treatment* Chichester: John Wiley & Sons. 555 pp. ISBN: 0-470-84453-1**

Este é um manual exaustivo e actual sobre prevenção e tratamentos eficazes para a infância e adolescência. Durante vários anos, a investigação acerca dos resultados da terapia incidiu, essencialmente, sobre os adultos, em detrimento das crianças e adolescentes, salientando-se, simultaneamente, a inexistência de programas eficazes de prevenção para estas idades.

Há meio século atrás, E. E. Levitt fez uma revisão da literatura sobre a psicoterapia infantil e concluiu que as práticas psicoterapeutas em voga, naquela altura, não eram mais efectivas que a simples passagem do tempo. Esta conclusão, polémica e provocadora, teve, contudo, o mérito de conduzir ao questionamento da viabilidade da psicoterapia, sendo responsável pelo desenvolvimento de inúmeras pesquisas que se traduziram em progressos na psicopatologia infantil, na nomenclatura de diagnóstico psiquiátrico, na avaliação e práticas de tratamento e nos planos experimentais do estudo dos processos e resultados do tratamento. Actualmente, existe um largo consenso que a psicoterapia com crianças e adolescentes tem benefícios visíveis sobre a vida das crianças e respectivas famílias. De forma consistente, a revisão de estudos mais recentes demonstra que os resultados da terapia com crianças e adolescentes ultrapassam os efeitos da condição de lista de espera e de atenção-placebo. Paralelamente, têm mesmo demonstrado que umas formas de terapia são mais eficazes (funcionam melhor) que outras. Como consequência desta evolução, a questão deixou de ser 'se a psicoterapia funciona nas crianças' para dar lugar à identificação da

eficácia de intervenções clínicas *específicas* para crianças que apresentam problemas comportamentais, emocionais e sociais *específicos* também. Por outras palavras, o interesse tem-se movido da questão genérica, se a psicoterapia funciona de uma forma geral para todas as crianças, para uma questão mais especificamente orientada que procura determinar a evidência empírica para os vários tratamentos disponíveis e as condições sob as quais esses tratamentos são efectivos. Nesta linha de pensamento e numa época de especial desenvolvimento da investigação sobre a psicoterapia infantil, os diversos capítulos do livro editado por Paula M. Barrett e Thomas H. Ollendick apresentam o estado da arte na área de intervenção clínica de diversos problemas e perturbações infantis.

Paula Barrett, portuguesa de nascimento, a trabalhar actualmente na Universidade de Griffith, na Austrália, esteve entre nós no ano passado, convidada pelo Instituto Miguel Torga a participar na Conferência *2 Discursos Terapêuticos*. Nessa altura, tivemos já oportunidade de conhecer o seu percurso pela área clínica e de investigação, emergindo a sua reputação internacional, enquanto autora de diversos trabalhos no domínio da psicologia clínica infantil, destacando-se a investigação sobre a eficácia da terapia e o seu contributo para a elaboração de programas de prevenção utilizados na Austrália, Europa e Estados Unidos. No seu conjunto, este corpo de investigação tem tido um impacto expressivo não apenas no tratamento da ansiedade na infância, mas também no que concerne a políticas públicas de investigação. Paula Barrett é autora principal do programa FRIENDS reconhecido, no mundo inteiro, como uma das melhores práticas de tratamento (com evidência empírica) da ansiedade e depressão nas crianças e adolescentes.

Uma palavra também para Thomas Ollendick, professor universitário e director do Centro de Estudos da Criança em Virgínia, Estados Unidos da América, pioneiro e promotor inequívoco do desenvolvimento desta área do conhecimento. Vencedor de diversos prémios, o seu interesse pela clínica e pela investigação estende-se, desde o estudo de diversas formas de psicopatologia infantil, até à avaliação e tratamento destas perturbações infantis, segundo uma perspectiva sócio-cognitiva.

Esta obra constitui um exemplo notável de colaboração, no plano da investigação para